

AS SENTENÇAS DE TOMÁS DE AQUINO SOBRE OS LIVROS DA METAFÍSICA DE ARISTÓTELES.

Paulo Faitanin – Universidade Federal Fluminense.

Resumo: Ter estabelecido uma inovadora exegese filosófica, este é um mérito de Tomás de Aquino quando ele comentou a *Metafísica* de Aristóteles. Pretendemos mostrar este itinerário da construção do seu comentário e dos principais conceitos.

Palavras-chave: Tomás de Aquino, Aristóteles, *Metafísica*, Comentário, conceitos.

Abstract: Have established an innovative philosophical exegesis, it is a merit of Thomas Aquinas when he commented on the *Metaphysics* of Aristotle. We intend to show this journey of building your comment and key concepts.

Keywords: Thomas Aquinas, Aristotle, *Metaphysic*, Commentary, concepts.

1. INTRODUÇÃO.

É mérito de Tomás de Aquino [1225-1274] ter estabelecido uma inovadora exegese filosófica, quando comentou a *Metafísica* de Aristóteles [384-322]¹. Primeiro pretendemos mostrar este itinerário da construção do seu comentário. Seu método estabelecia uma análise vertical, no interior do horizonte do universo material. Pretendemos brevemente analisar como ele aplicou os princípios invioláveis da razão e outros conceitos-chave, por ele propostos, para ir das criaturas a Deus, pela consideração dos vestígios divinos encontrados nas criaturas materiais e da Sua imagem e semelhança encontradas nas imateriais.

Saber o que é *metafísica*² para Tomás, a partir do seu comentário sobre esta obra, bem como conhecer algo do seu método e conceitografia ali desenvolvidos, é importante não só para o conhecimento da história das ideias do Medievo, mas também para evidenciar, pela análise das referências bibliográficas tomistas atuais, que ainda hoje seu pensamento metafísico,

¹ Pode-se localizar, segundo certo consenso, que a *Metafísica* já estava finalizada entre 367 e 342.

² O estado da questão acerca da gênese do nome *metafísica* e do seu uso para nomear esta ciência já foi muito bem resumido por Reale, em cuja síntese sustentou que já não se pode aceitar como tese indubitável a origem meramente casual e contingente deste termo, tal como concebida tradicionalmente, a partir da edição das obras de Aristóteles, feita por Andrônico de Rodes, no séc. I a.C. Cfr. REALE, G. “Gênese do termo ‘metafísica’ e da obra aristotélica que leva este título”, em: ARISTÓTELES, *Metafísica*. Volume 1. Ensaio introdutório. Tradução Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 30.

apresentado por seu comentário a esta obra, exerce uma grande influência sobre muitos pensadores e em muitos setores do saber.

Constata-se este fato pela leitura de alguns destes estudos, onde se verifica que as suas contribuições neste campo proporcionaram inúmeros empréstimos de ideias advindas das suas exposições, úteis inclusive para o desenvolvimento e/ou aperfeiçoamento de outras ciências. Pretende-se, em razão do exposto, sumariamente apresentar um esboço do significado de metafísica para o Aquinate, obviamente sem a pretensão de esgotar a questão. Em seguida, oferecer informações sobre a inédita edição on-line trilingue do Livro I da *Metafísica* de Aristóteles e bilíngue do *Comentário* de Tomás a este texto.

2. O INTERESSE DE TOMÁS PELA METAFÍSICA.

A obra *Metafísica*³ de Aristóteles, desde a catalogação de Andrônico no séc. I, a.C., até nossos dias, foi objeto de diversos estudos⁴ relativos à divisão e a ordem das suas partes e à origem e significado do seu nome⁵. Entretanto, com relação aos comentários da mesma, o seu apogeu só se deu na Idade Média, no período da Escolástica, com as diversas e valiosas contribuições de Avicena⁶, Averróis⁷, Alberto Magno⁸, Siger de Brabant⁹, Tomás de Aquino¹⁰,

³ O texto grego de Aristóteles usado para a edição trilingue é o seguinte: ARISTOTLE. *Aristotle' Metaphysics*. Ed. W.D. Ross. Oxford: Clarendon Press, 1924, acessível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Aristot.%20Met>. Contudo, ter-se-á em conta a já clássica edição de Bekker como referência: ARISTOTELIS OPERA. *Metaphysica*. Vol. II. Ed. Immanuel Bekker. Berlin: Walter de Gruyter & Socios, 1960, pp. 998a-1093b.

⁴ Um valioso índice de referências bibliográficas sobre a metafísica aristotélica, que nos dá uma mostra dos diversos estudos e comentários mais recentes desta obra e que abarca até o ano de 1996, é o seguinte: RADICE, R. and DAVIES, R. *Aristotle's Metaphysics. Annotated Bibliography of the Twentieth-Century Literature*. Foreword by Giovanni Reale. Leiden . New York . Köln, Brill, 1997.

⁵ Representa uma parte da rica discussão acerca destes assuntos as seguintes obras: JAEGER, W. *Studien zur Entstehungsgeschichte der Metaphysik des Aristoteles*. Berlin, 1912; ROSS, D. *Aristotle*. University Paperbacks, London, 1964.

⁶ AVICENA, *Avicenna Latinus: Liber de Philosophia Prima sive Scientia Divina*. Édition critique de la traduction latine médiévale par S. Van Riet et Introduction doctrinale par G. Verbeke. Louvain, E. Peeters, 1977.

⁷ AVERRÓIS, *Metaphysicorum libri quatuordecim commentariis*. [Aristotelis Opera cum Averrois Commentariis. Vol. VIII. Venetiis apud Junctas, 1562-1574]. Reimpressão: Frankfurt am Main: Minerva G.m.b.H, 1962.

⁸ ALBERTO MAGNO, *Metaphysicorum Lib. XIII*. [Beati Alberti Magni Ratisbonensis Episcopi, Ordinis Praedicatorum Opera Omnia]. Vol. VI. Ed. A. Borgnet, Paris, 1890.

Liber de Philosophia Prima sive Scientia Divina. Édition critique de la traduction latine médiévale par S. Van Riet et Introduction doctrinale par G. Verbeke. Louvain, E. Peeters, 1977.

⁹ SIGER DE BRABANT, *Quaestiones in Metaphysicam*. Ed. William Dunphy. Philosophes Médiévaux, 24. Louvain-La-Neuve: Éditions de L'Institut Supérieur de Philosophie, 1981.

João Duns Escoto¹¹ e muitos outros. Este apogeu se justifica pela ‘redescoberta’ do pensamento aristotélico no Medievo.

Contudo, neste período, o comentário Tomasiano destacou-se sobre os demais. Mas isto não só pelo contexto desta redescoberta e de valorização do pensamento aristotélico. Nem mesmo apenas se diferenciou por enfatizar o rico debate de ideias filosóficas aristotélicas, ocorrido na segunda metade do século XIII¹². Na verdade, sua exposição guarda significativa importância, em razão da proposta analítica do seu texto e das originais interpretações dos conceitos ali apresentados¹³. Acrescenta-se a isto, o fato de ele ter tomado como fundamento para as suas interpretações, a citação e análise de um cabedal de doutrinas dos comentaristas predecessores. Isto, sem dúvida, muito enriqueceu a sua explanação.

Tamanha importância de uma apresentação ‘dialogal’, com distintas fontes de épocas diferentes, não se restringiria só ao Medievo. Historicamente se comprova que muitas das suas contribuições sobre o saber em tela, cruzaram as fronteiras da Escolástica. Na verdade, muitas das suas ideias chegaram e perpassaram os difíceis séculos de XVI a XVIII, quando se tornara suspeita, em muitas instituições acadêmicas de diversas partes da Europa, a aceitação das teses filosóficas Tomasianas. Deve-se esta suspeita ao fato da sua herança cristã e medieval e da recém ruptura entre Igreja e Estado e fé e razão. Não obstante, graças ao vigor da sua inovadora conceitografia metafísica, ademais de superar esta época, o seu pensamento também

¹⁰ Para este estudo teremos em conta a divulgada edição de Cathala: SANCTI THOMAE AQUINATIS, *In Metaphysicam Aristotelis Commentaria*. Cura et Studio P. Fr. M.-R. Cathala. Taurini: Marietti, 1915. Demais obras: SANCTI THOMAE DE AQUINO, *Summae Theologiae*. [Opera omnia iussu Leonis XIII P. M. Edita. t. 4-12]. Romae: Ex Typographia Polyglotta S. C. de Propaganda Fide, 1897-1906; *Summa contra Gentiles* [Opera omnia iussu Leonis XIII P. M. Edita. t. 13-15]. Romae: Typis Riccardi Garroni, 1918-1930; *Quaestiones disputatae de veritate*. [Opera omnia iussu Leonis XIII P. M. edita, t. 22]. Romae: Ad Sanctae Sabinae, 1970-1976; *Quaestiones disputatae de anima*. [Opera omnia iussu Leonis XIII P. M. edita. t. 24/1: Commissio Leonina. Ed.: B. C. Bazán]. Roma-Paris: Éditions du Cerf, 1996; *Quaestiones de quolibet*. [Opera omnia iussu Leonis XIII P. M. edita. t. 25/2]. Commissio Leonina. Roma-Paris: Éditions du Cerf, 1996; *Compendium Theologiae*. [Opera omnia iussu Leonis XIII P. M. edita. t. 42]. Roma: Editori di San Tommaso, 1979; *Super Boetium De Trinitate. Expositio libri Boetii De ebdomadibus*. [Opera omnia iussu Leonis XIII P. M. edita. t. 50]. Commissio Leonina. Roma-Paris: Éditions du Cerf, 1992; S. THOMAE AQUINATIS, *Scriptum super libros Sententiarum magistri Petri Lombardi episcopi Parisiensis*, t. 1-2. Ed. P. Mandonnet. Parisiis: P. Lethielleux, 1929. Cada uma das obras referidas será citada segundo uma forma abreviada, de acordo com o modo acadêmico mais comum.

¹¹ JOÃO DUNS ESCOTO, *Quaestiones subtilissimae super libros Metaphysicorum Aristotelis*. Editio F. L. Waddinggi. Tomus Quartus. Lugduni: Sumptibus Laurentii Durand. 1639. Reimpressão: *Opera Omnia*. IV. Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1968.

¹² Um estudo já clássico sobre esta questão é o seguinte: GRABMANN, M. *Mittelalterliche lateinische Aristotelesübersetzungen und Aristoteleskommentare in Handschriften spanischer Bibliotheken*. (*Sitzungsberichte der Bayerischen Akademie der Wissenschaften*, 5 1928), München, 1928.

¹³ Alguns conceitos como uno e múltiplo, ato e potência, ser e essência e muitos outros.

influenciou muitos autores daqueles séculos¹⁴ e chegou com fôlego nos dias atuais e está presente em diversos estudos¹⁵.

A inovação, quanto ao método de exposição proposto por Tomás, firmava a coerência das suas interpretações com o texto da obra aristotélica, não raro cotejado com os de outras obras do mesmo autor e de outros comentadores. Este profundo conhecimento do *Corpus Aristotelicum*, rendeu-lhe a confiança entre os seus pares para ser considerado fonte segura de inspiração para a compreensão do difícil pensamento metafísico de Aristóteles. Corrobora isto, o fato de diversos pensadores de distintas áreas do saber seguirem sua metodologia e aceitarem muitas das suas interpretações¹⁶.

O natural interesse nutrido pelas obras de Aristóteles cresceu, especialmente, pela *Metafísica*, por causa da paulatina difusão das interpretações consideradas heterodoxas, de algumas doutrinas metafísicas do filósofo grego, que já ocorriam desde 1264-1265, que contradiziam temas caros à teologia cristã e à própria veracidade da doutrina aristotélica contida

¹⁴ O inovador espírito investigativo de Tomás estendeu-se, especialmente, por todo o período da posterior Escolástica, especialmente na Península Ibérica, mediante uma rica tradição de estudos da obra *Metafísica* e dos comentários Tomasianos, de modo especial com as contribuições Suárez, Soncinas, Javelli e muitos outros. FRANCISCO SUÁREZ, *Disputationes metaphysicae*. Editores Apud Viduam et Filios J. Subirana, Barcinone, 1884; PAULO SONCINAS, *Quaestiones Metaphysicales acutissimae. Nunc demum ab erroribus plurimis expurgate, et ita accuratius excusa, ut longe illustriores sint*. Frankfurt, Minerva G.M.B.H., 1967; CRISÓSTOMO JAVELLI, *In omnibus Metaphysicae libris Quaesita textualia Metaphysicali modo determinata*. Venetiis, Apud Ioannem Mariam Bonellum, 1568..

¹⁵ Os principais catálogos bibliográficos tomistas trazem as referências de estudos acerca dos diversos temas interpretados por Tomás em seus comentários sobre os livros da *Metafísica* desde o século XIX até os nossos dias: MANDONNET, P. et DESTREZ, J. *Bibliographie Thomiste*. Paris: Vrin, 1960, pp. 45-52; BOURKE, V.J. *Thomistic Bibliography*. Missouri: The Modern Schoolman, Supplement to Volume XXI, 1945, pp. 110-130; WYSER, P. *Bibliographische Einführungen in das Studium der Philosophie: 13/14 Thomas von Aquin*. Bern: A. Francke Ag. Verlag, 1950, pp. 54-63; WYSER, P. *Bibliographische Einführungen in das Studium der Philosophie: 15/16 Der Thomismus*. Bern: A. Francke Ag. Verlag, 1951, pp. 77-88; MIETHE, T.L. and BOURKE, V.J. *Thomistic Bibliography, 1940-1978*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1980, pp. 133-145; INGARDIA, R. *Thomas Aquinas International Bibliography 1977-1990*. Bowling Green, Ohio: The Philosophy Documentation Center Bowling Green State University, 1993 (não destacamos as páginas porque a obra se divide segundo a produção de estudos sobre a metafísica em cada um dos idiomas que a obra pesquisou e elencou); ALARCÓN, E. (ed.). *Thomistica 2006. An International Yearbook of Thomistic Bibliography*. Bonn: nova & vetera, 2007, pp. 166-207.

¹⁶ Foram denominados Tomistas os que seguiam sua metodologia e/ou suas interpretações sobre certos temas. Uma coleta dos principais Tomistas de 1270 até 1900 pode ser encontrada na seguinte obra: WYSER, P. *Bibliographische Einführungen in das Studium der Philosophie: 15/16 Der Thomismus*. Bern: A. Francke Ag. Verlag, 1951, pp. 5-53; KENNEDY, L.A. *A Catalogue of Thomists*. Texas: University of St. Thomas, 1987; BERGER, D. und VIJGEN, J. *Thomistenlexikon*. Bonn: nova & vetera, 2006.

naquela obra. Denominada, ulteriormente, de ‘Averroísmo latino’¹⁷, este complexo de teses oriundas dos ensinamentos de Averróis, rapidamente se difundiu pelos meios acadêmicos do ano de 1270. Contudo, tais teses, necessariamente não representavam o original pensamento do próprio Averróis.

Desta maneira, em busca de apurado estudo e análise do conteúdo desta, procede a informação de atitude atribuída a Tomás, de ter pedido ao confrade da sua ordem religiosa, Guilherme de Moerbeke [1215-1286], exímio conhecedor da língua grega, que traduzisse a *Metafísica* direto do grego, o que, segundo alguns estudiosos da questão, assinalam que o dominicano belga teria começado a traduzir esta obra por volta de 1265. Há de saber que Moerbeke não traduziu todo o texto grego para o latim. Atribui-se a ele a tradução completa de apenas um livro, o 11^o¹⁸, pois os demais livros teria apenas se dedicado a corrigido suas respectivas versões.

De fato, já existiam outras versões latinas parciais de alguns livros divulgadas antes da sua versão, como a *Metaphysica Vetustissima*, que continha os três primeiros livros e parte do 4^o; a *Metaphysica Medie Translationis*, provavelmente, anterior a 1230, que continha 12 livros, mas não incluía o 11^o, ao qual provavelmente Moerbeke se dedicou a traduzir; a *Metaphysica Vetus*, também anterior a 1230, uma mescla das duas anteriores; a *Metaphysica Nova*, de cerca de 1220, que contem onze livros. Tais versões parciais antigas foram agrupadas, cotejadas, revistas, corrigidas e ordenadas numa nova versão de XII livros, a *Metaphysica Nove Translationis*, que Moerbeke completa os 12 primeiros livros, com a tradução do 11^o livro, e com revisão dos outros 10 livros.

Sua tradução e o posterior comentário de Tomás representam, talvez, uma primeira tentativa de edição crítica de texto, não só pela crítica textual, mas também em razão do estilo literal como a obra foi traduzida¹⁹, sem se distanciar do sentido original do texto, cotejado com outras versões²⁰, ou em

¹⁷ O mais ilustre pensador desta corrente foi Siger de Brabant [1240-1280], que já difundia desde 1270, algumas destas teses, como a eternidade do mundo e a existência de um único intelecto separado para todos os homens, em obras como *De anima intellectiva* e *De aeternitate mundi*, com expressiva penetração na Universidade de Paris, na Faculdade de Artes, e que chegou à Faculdade de Teologia, onde os teólogos, com base nas Escrituras, ensinavam a criação do mundo e a da alma espiritual por Deus, unida individualmente em cada corpo humano. Sobre a história desta questão na correlação de Siger de Brabant e o averroísmo vale considerar o clássico estudo de Mandonnet: Cfr. MANDONNET, P. *Siger de Brabant et L'averroïsme Latin au siècle XIII^{me}*. I^{re} Partie. Étude Critique. Deuxième édition revue et augmentée. Louvain, Institut Supérieur de Philosophie de L'Université, 1911.

¹⁸ Cfr. Pelster, F. *Die griechisch-lateinischen MetaphysikÜbersetzungen des Mittelalters*. Beiträg Suppl. Bnd. II, Fesgabe zum 70. Geburtstag C. Bäumkers. Münster, 1925, 89-118.

¹⁹ Assim a considera Martínez em sua tradução: ARISTÓTELES, *Metafísica*. Introducción, traducción y notas de Tomás Calvo Martínez. Madrid: Gredos, 1994, p. 53.

²⁰ Cfr. TORRELL, J.-P. O.P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino*. Sua pessoa e obra. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 270. O próprio Tomás fez alusões

razão do modo analítico como foi comentada, sem deixar de fundamentar suas interpretações e apresentá-las em sínteses, com argumentos bem estruturados.

O comentário de Tomás aos 12 livros²¹ da *Metafísica* é uma obra autêntica²², embora ainda haja certa disputa acerca da definição da data [1270 e 1271] e do local [Nápoles] da sua composição²³. Tais comentários, revelam-nos tratar-se de uma obra de maturidade intelectual e pertencente à última fase de vida de Tomás, que morreu no dia 7 de março de 1274. A exposição Tomasiense segue a divisão de livros e capítulos, em geral adotada nos dias de hoje e que é bem próxima àquela proposta pela edição de Bekker, acima supracitada.

Tomás, provavelmente, começou a comentar os livros da *Metafísica* em 1271. Seu comentário inaugurara uma nova forma de exposição no século

a estas possíveis outras versões. Isto fica evidente quando se tem em conta, por exemplo, algumas passagens do comentário do Aquinate, onde ele revela ter feito a leitura de outras versões. Cito aqui a versão que recentemente editei: Cfr. SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Sentenças sobre os livros da Metafísica*, I, Lição 5, n. 7: “*Alia littera habet, nec ipsi autómato et fortunæ; et est idem sensus quod prius*” [“*Aparece em outro texto: ‘nem autómatas nem por acaso’; e é o mesmo sentido do anterior*”]. Os grifos são meus. Cfr. in *Aquinate*, n. 17, (2012), p. 175. Ressalte-se, que ademais de ler outras versões parciais da *Metafísica*, tinha ainda em conta a consideração dos comentários dos outros autores clássicos e, sobretudo, dos comentários dos árabes Avicena e Averróis. Por isso, quando, algumas vezes, em seus comentários desta obra ele diz que tal sentença deve ser compreendida assim e não de outra maneira, Tomás tem como ponto de partida o que ele leu de diferente em outras versões de que dispõe e que não corresponde com a coerência interna do texto e da exposição da argumentação aristotélica apresentada na versão latina que confia e tem entre mãos.

²¹ Não se sabe ao certo a razão de ter comentado apenas os 12 primeiros livros, pois ele mesmo claramente não justifica. Conjectura-se que em razão de os 12 livros apresentarem doutrina filosófica original de Aristóteles, os dois últimos livros ademais de revisarem outras doutrinas e reforçarem as suas, volta-se mais para as questões acerca de ‘Deus’, entendido este termo com o significado que se tem no contexto da sua obra. Há ainda outra hipótese: o fato de Tomás referenciar em seu Comentário, no livro 3, na lição 7 questões a serem tratadas nos livros XIII e XIV, fez alguns pensarem que estava nos planos do Aquinate, também, comentar estes dois últimos livros, mas a verdadeira razão de não fazê-lo, teria sido a precoce manifestação da enfermidade que o levaria a óbito em 1274. De fato, algumas obras anteriores, como o Comentário ao *De Caelo et Mundo*, datada de 1272-1273, permaneceram inacabadas. Ora, o *Comentário à Metafísica* é, certamente, anterior a esta data. Portanto, parece também justificável esta segunda hipótese.

²² Sobre a autenticidade comprovada ver os seguintes estudos: MANDONNET, P. *Des écrits authentiques de S. Thomas d’Aquin*. Fribourg, 1910, p. 31; MICHELITSCH, A. *Thomasschriften. Untersuchungen über die Schriften Thomas von Aquino*. Band. I: Bibliographisches. Graz u. Wien, Verlagshandlung ‘Syria’, 1913, p. 178; GRABMANN, M. *Die Werke des Hl. Thomas von Aquin. Eine literarhistorische Untersuchung und Einführung*. (Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters, Band XXII. Heft 1/2). Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, Münster, 1949, pp. 281-284.

²³ Cfr. TORRELL, J.-P. O.P. *Opus cit.* p. 400.

XIII. Ele não faz paráfrases do texto, como era costume dos expositores. O Aquinate vai além, porque introduz um *método* para comentar: analisa o texto, identifica a argumentação e a decompõe em partes simples para, então, deduzir e apresentar a tese fundamental. Depois disso, contribui para a compreensão da exposição com explicações e exemplos fundamentados em leituras de outros textos do autor comentado ou de obras de outros autores. Sua técnica consiste em *ler, analisar e sintetizar*: (1) ler cada parágrafo de uma passagem do texto da obra; (2) identificar e ordenar os argumentos; (3) anotar as principais teses; (4) separar as simples das complexas; (5) explicitar as simples com outros exemplos; (6) decompor as complexas em partes simples e exemplificá-las para melhor explicá-las; (7) deduzir desta análise a tese fundamental; (8) expor qual seja esta tese. Como exemplo disso o Aquinate destaca em seu comentário [Livro 1, lição 1] que a tese fundamental que move a intenção do Estagirita é demonstrar ‘que o desejo de conhecer é naturalmente inerente a todos os homens’.

Quanto ao latim de Tomás, é preciso dizer que se deve ter bem claro que este se distancia do denominado latim clássico como, por exemplo, do latim de Cícero e, mesmo, de alguns da Patrística, como do latim de Agostinho. E isso obviamente por uma mera questão cronológica, como ocorre com outros idiomas. Pois bem, no século XIII, ademais do uso de uma latim oficial – mas ainda distante da estrutura clássica –, válido, sobretudo, na linguagem eclesiástica, jurídica e comercial, há também o latim falado, mais comum e muito mesclado com as contribuições e, também, corrupções das línguas locais da Península.

Portanto, um latim comum e permeado de terminologias não oriundas do latim, de neologismos, de influências de outros idiomas como, por exemplo, do hebraico, do árabe e, muito especialmente, do grego. Tomás busca, ao mesmo tempo, uma exposição latina com vigor estritamente lógico, para a compreensão da ideia, sem o rigor da escrita clássica. Algo não fácil para a exposição de uma obra do caráter da *Metafísica*. Para tanto, embora haja detrimento do rigor linguístico, em referência às construções elaboradas, vale-se de muitos recursos silogísticos, que se repetem ao longo da exposição, como ‘enim’, ‘autem’, ‘nam’ e outros, tendo em vista tornar a exposição o mais clara possível²⁴.

Quanto ao procedimento da exposição ou metodologia, em referência à divisão de livros e capítulos, como no texto original, Tomás nada modificou.

²⁴ Dois equívocos há de afastar: a) que Tomás não conheceu o latim clássico e b) por isso, não seria capaz de escrever como os clássicos. Tomás não apenas conheceu como lia e citava os autores clássicos, às vezes, literalmente, outras vezes, transportando o sentido do que disseram para o da sua época. Por esta razão, era capacitado não apenas para ler os clássicos, mas também, quando o exigia, para elaborar textos, inclusive petições, de elevada e complexa estrutura, como de alguns clássicos, por exemplo, no caso do famoso *Officium novae sollemnitatis corporis domini Iesu Christi*, de 1263.

Contudo, ele acrescentou, nos capítulos de cada livro, as *lectio*. As *lectio* são as *lições* ou as *leituras* que são comentários propostos para cada passagem do texto da *Metafísica* a que se refere a lição. Tais lições, por sua vez, foram divididas, segundo certo critério temático, previamente estabelecido pelo *lector* (leitor, no caso o próprio Tomás), ao comentar a obra.

Por razões metodológicas, cada *lectio*, em determinadas edições do comentário de Tomás sobre os livros da *Metafísica*, foi dividida em pequenas partes expositivas, como parágrafos, que desenvolvem uma análise profunda, que se refere a uma parte do texto comentado. No entanto, em algumas edições das obras completas do Aquinate, estas partes foram numeradas em seqüência, do início do livro 1 ao fim do livro 12, como na edição de Cathala. Propus, nesta edição, uma numeração não sequencial, que termina no fim de cada lição e recomeça com nova seqüência na próxima, para evitar números demasiado grandes. Portanto, cada lição terá sua seqüência.

Ressalta-se, que até o presente momento, ainda se encontra em preparação a edição crítica do comentário de Tomás aos livros da *Metafísica*, pela renomada *Comissão Leonina*. Enquanto não nos chega tal edição, podemos dizer que os temas tratados nesta obra, sem dúvida, assim como provocaram a inteligência de Tomás, também provoca a nossa, não só para uma pura análise filosófica das questões, mas, sobretudo, por sua possível correlação com os temas da fé cristã. Por esta razão, é oportuna a apresentação das principais doutrinas contidas nesta exuberante obra: eis, pois, o número de livros, a sua ordem e as principais doutrinas às quais Tomás dedicou-se a comentar:

- Livro I (A) *Acerca da natureza e da perfeição desta ciência divina que é denominada Sabedoria e as opiniões dos antigos, acerca das causas e dos princípios, como foram estabelecidos e refutados.* Proêmio - Lições de I a III, n. 1-68: sobre a natureza desta ciência, seus princípios, sua dignidade, os graus de conhecimento humano e as causas que consideram esta ciência. Lições IV a XVII, n. 69-272: expõe e analisa as opiniões dos filósofos precedentes acerca das causas das coisas.
- Livro II (a) *De como o homem se dispõe naturalmente para a consideração da verdade, de como pertence maximamente à filosofia primeira o conhecimento da verdade, e de como não pode dar-se um processo ao infinito na busca das causas primeiras e do modo como se deve considerar a verdade.* Lições I a V, n. 273-337: começa a considerar acerca da verdade desta ciência e determina o que é necessário para a consideração da verdade universal.
- Livro III (B) *Acerca do modo como investigar a verdade, superando as dúvidas que apareçam na busca desta ciência, considerando o gênero das causas, das substâncias, dos princípios das coisas e acerca de qual ciência pertence considerar tais coisas.* Lições I a XV, n. 338-528: começa a investigar a verdade de todas as realidades que pertencem à consideração desta ciência. Proceder, à maneira de disputa, mostrando as coisas dubitáveis.
- Livro IV (G) *Acerca daquelas coisas que pertençam à consideração desta ciência, tais como acerca do ente, do uno e do múltiplo e, do mesmo modo, do idêntico, do diverso e dos primeiros princípios de demonstração.* Lições I a XVII,

- n. 529-748: procede, demonstrando as coisas que são consideradas por esta ciência.
- Acerca dos nomes que todas as ciências se valem, de suas intenções e significados.* Lições I a XXII, n. 749-762: começa a tratar acerca daquelas coisas que esta ciência considera, distinguindo os sentidos dos nomes que caem sob a consideração desta ciência; os nomes que significam causas n. 763-841; os nomes que significam aquilo que é o sujeito nesta ciência, n. 842-1032; os nomes daquelas coisas que se têm por modo de paixão, n. 1033-1143.
- Livro V (D) *Acerca do modo de considerar o ente, o que compete à filosofia primeira, do modo como algumas coisas não pertencem a esta ciência.* Lições I a IV, n. 1144-1244: começa a determinar acerca daquelas coisas que caem sob a consideração desta ciência; estabelece por qual razão esta ciência deve considerar o ente; procede, à maneira de demonstração, informando as coisas que são consideradas por esta ciência.
- Livro VI (E) *Acerca da consideração da essência das substâncias sensíveis em suas considerações lógicas e comuns.* Lições I a XVII, n. 1245-1680: começa a considerar o ente; estabelece o que é o ente enquanto ente; o que é o ente.
- Livro VII (Z) *Acerca dos princípios das substâncias sensíveis, especialmente da matéria e da forma e do modo como se unem.* Lições I a V, n. 1681-1767: considera o ente e o modo como se divide em dez predicamentos.
- Livro VIII (H) *Acerca da potência e do ato e da comparação do ato à potência.* Lições I a XI, n. 1768-1919: considera o ente e o modo como se divide em dez predicamentos.
- Livro IX (Q) *Acerca do uno e das coisas que se seguem de sua consideração.* Lições I a XII, n. 1920-1982: considera o uno e o que se segue de sua consideração; n. 1983-2145: considera o uno e a sua relação com o múltiplo.
- Livro X (I) *Acerca do modo e do caminho para conhecer as substâncias separadas, revendo o que se considerou nos livros anteriores e no tratado da Física, como sendo úteis para a sua consideração.* Lições I a XIII, n. 2146-2415: considera os primeiros princípios do ente e as substâncias separadas, retomando o que já fora dito acerca da substância.
- Livro XI (K) *Acerca da substância sensível, da substância imóvel e sobre a suma bondade.* Lições I a XII, n. 2416-2663: considera o que já foi dito acerca da substância e tudo o que a ela se refira.
- Livro XII (L)

3. A CONTRIBUIÇÃO ORIGINAL DE TOMÁS.

Segundo Tomás, é tríplice o significado de metafísica: significa ‘ciência do ente’, ‘ciência divina’ e ‘filosofia primeira’²⁵. Estes sentidos já são dados de

²⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Met.*, lec. 2, 58-62; II, lec. 2, 291; VI, lec. 1, 1166-1170; XI, lec. 7, 2263-2267.

imediatamente no próêmio do *Comentário à Metafísica*, que resulta, sem dúvida, num importante instrumento para a leitura da mesma²⁶.

Tomás entende que estes significados estão correlacionados, pois esta ciência, enquanto filosofia primeira, estuda o ente enquanto ente pela investigação dos seus princípios e causas. Contudo, também estuda as coisas para além da natureza física: os conceitos abstraídos das realidades sensíveis; a existência das realidades supra-sensíveis, como as substâncias separadas, que são entes imateriais e, igualmente, objetos de estudo desta ciência²⁷; o ‘ente primeiro’, as ‘coisas divinas’, a que se ocupa considerar a última parte da *Metafísica*²⁸. Por isso, é a mais nobre ciência, pois se ocupa do estudo do que é abstraído da matéria ou o que é imaterial em si mesmo.

Neste aspecto, o ‘ente’ é o objeto próprio da metafísica²⁹, porque é o que primeiro considera o intelecto, quando conhece a realidade. O método de análise conduzido em seus comentários foram dois: um ascendente, denominado resolutivo (*resolutio*) que parte das determinações particulares às resoluções universais e o descendente, denominado compositivo (*compositio*), que inversamente parte das resoluções universais às composições particulares, como ele mesmo nos adverte quando o aplicou para tratar da Trindade³⁰.

Como ciência do ‘ente’, este saber nasce da especulação, porque é estritamente lógica ou ciência da razão³¹ e serve de modelo para a arquitetura de outras ciências teórico-práticas como a *Ética*, por exemplo, no que se refere à correlação entre os princípios da razão e os da vontade, quanto à subalternação destes àqueles. A *Metafísica* é ciência, na medida em que, a partir dos princípios, deduz suas conclusões. É *sabedoria* no sentido estrito, enquanto saber supremo de toda ordem natural, que julga, explica e defende resolutivamente os princípios das demais ciências que lhe são subalternas, posto que os princípios desta ciência transcendem aos das demais, pois os destas são menos universais que os os princípios daquela³². Em síntese, podemos dizer que a *Metafísica* é uma ciência especial que considera o ente segundo o que é comum a tudo que há e, na medida em que é considerado abstraído absolutamente da matéria e do movimento³³. Abaixo, brevemente

²⁶ Elders sublinha a importância de ser mencionado o *Próêmio* de Tomás ao *Comentário dos livros da Metafísica*, em razão da síntese que ele propôs acerca das diversas concepções da filosofia primeira expostas no tratado de Aristóteles: Cfr. ELDERS, L.J. *La Métaphysique de Saint Thomas D’Aquin dans une perspective historique*. Paris: Vrin, 1994, pp. 28-29.

²⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *In VI Met. lec.1, 1162-1165*.

²⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Met. lec.2, 52-68*. Ver também: *Contra Gentios*.I,4; *Suma de Teologia*.I-II,q. 66, a. 5, ad. 4. Daqui em diante estas duas obras respectivamente serão citadas: *CG* e *STh*.

²⁹ TOMÁS DE AQUINO, *In IV Met. lec.1, n.529-531*.

³⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *In de Trin. lec.2, q. 2, a. 1, c. 3; In I Met., Prooemium*.

³¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh*. I-II, q. 90, a.1, ad. 2.

³² TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Met. lec. 5, n. 391; In IV Met. lec. 5, n. 588; CG. I, c. 1; STh*.I,q.1, a. 6;I-II,q. 57, a. 2.

³³ TOMÁS DE AQUINO, S. *In III Sent. d. 27, q. 2, a. 4, c. 2*.

exporeremos algumas das principais contribuições do Aquinate para o estudo da metafísica.

3.1. METAFÍSICA: A REVELAÇÃO DO SEGREDO DO SER.

A *Metafísica* é por excelência, como se viu acima, o cume da filosofia³⁴ porque estuda o *ser enquanto ser* e procura, ao desvelar o real, qual é o seu ‘segredo’. Esta revelação Tomás a fez mediante o uso da *linguagem analógica*, acerca da qual falaremos abaixo. E o que está ‘oculto’, mas é causa do real, só poderia ser desvelado por meio desta ciência, porque ela é o epicentro da investigação racional³⁵, pela qual se investiga as primeiras causas³⁶ das coisas. O ente é o sujeito desta ciência³⁷ e a função desta ciência é analisar os princípios essenciais constitutivos das realidades existentes, denominadas substâncias, na medida em que cada uma das realidades constituídas por estes princípios essenciais realiza-se como algo individual, que subsiste às mudanças que não lhe afetam os princípios essenciais.

Neste aspecto, pode-se falar de uma ‘micro’ substância e de uma ‘macro’ substância, este último, o universo e seus princípios, como tratados na *Física* e supostos nos estudos metafísicos. Por isso, Tomás igualmente teve atenção especial com a substância do universo, a partir da qual, como Aristóteles, expôs seus princípios e natureza. A substância do universo material constitui-se de *matéria, forma e acidentes*. Tomás denominou a substância de ‘ente’, porque ‘ente’ é aquilo que tem ser³⁸. Contudo, uma perfeição pode permanecer no ente, enquanto outras não.

O que permanece foi denominado ‘ato’ e o que muda ‘potência’³⁹, seguindo a proposta aristotélica. Mas, Tomás aprofunda esta noção. Para o Aquinate, o ‘ato’ indica uma perfeição, pela qual alguma coisa existe⁴⁰. E porque as coisas existem de diferentes maneiras, o ‘ato’ é dito de diversos modos⁴¹. Por outro lado, a ‘potência’ é a capacidade pela qual o ‘ato’ se realiza. A ‘potência’ é sempre anterior à sua realização⁴², embora não seja possível uma ‘potência’ sem um prévio ‘ato’, pelo que, no que se refere ao movimento

³⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh*, I, q.1, a.8, c.

³⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh*, I, q.1, a.1, c.

³⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *In Met.* I, Lec. 2, 58-62; II, Lec. 2, 291; VI, Lec. 1, 1166-1170; XI, Lec. 7, n. 2263-2267.

³⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *In IV Met.* Lec.1, n.529-531.

³⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *In XII Met.* Lec.1, n.2419.

³⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *In VI Met.* Lec.2, n.1171.

⁴⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *In IX Met.* Lec.3, n.1805.

⁴¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *In IX Met.* Lec.5, n. 1828-1831.

⁴² TOMÁS DE AQUINO, S. *In IX Met.* Lec.7, n. 1845.

e ao tempo, a potência é sempre posterior⁴³. Daí que o ato é sempre melhor que a potência, pois a sua privação é o mal⁴⁴.

O ‘ato’ manifesta-se pela ‘operação’, o que justifica aquela sentença que ensina que *o operar segue o ser*. No ente concreto, a ‘forma’ representa o ‘ato’, porque é ela quem dá o ser e à matéria, que, por sua vez, representa a potência, embora a matéria não seja ela mesma uma ‘pura potência’, porque ela tem o seu ‘ato’ por sua ‘forma’, pois não existe uma matéria sem uma forma, apesar de poder existir uma forma sem a matéria, seja a que é pensada abstraída ou a que existe separada da matéria. Como foi dito, a matéria representa a potência, porque esta na matéria é a causa do movimento e da mudança no ente, por isso, no ente, a forma unida à matéria está em potência de operar⁴⁵ e sujeita ao movimento. Por outro lado, a matéria está em potência de realizar em si a perfeição do ser da forma que recebe⁴⁶.

Ocorre, pois, que uma dada potência seja imanente, quando seu efeito permanece no agente, ou transeunte, quando termina em outro⁴⁷ como, por exemplo, no caso do choque das bolas de bilhar. Pela análise da imanência e transitividade da potência, Tomás aprofunda a ideia da necessidade de uma hierarquia quanto ao grau de intensidade do ato. Por isso, para Tomás o que importa é a consideração daquilo que faz o ente ser o que ele é, a saber, o seu ‘ato de ser’⁴⁸, ou seja, uma perfeição pela qual alguma coisa existe⁴⁹, subsiste e é o que de mais nobre⁵⁰, perfeito, digno e íntimo⁵¹ há na natureza da coisa⁵², como ‘ato de todos os atos’⁵³ e ‘ato’ de tudo o que existe e de qualquer forma que venha a existir⁵⁴ como substância. E há de buscar isso na própria essência da coisa, no que o intelecto capta da substância como mais essencial e que existe individualmente no que se compõe de matéria e forma⁵⁵.

Ora, como se disse acima, na substância é a forma que dá o ser e é a matéria que o recebe, segundo as condições que a dispuseram. Por isso, nas substâncias de mesma natureza, é o mesmo ato de ser que determina a perfeição em todos os indivíduos daquela espécie, embora tal ato se realize individualmente em cada um, segundo suas condições individuais. Deste modo, embora seja de um mesmo grau a intensidade do ser nas substâncias de

⁴³ TOMAS DE AQUINO, S. *In VII Met.* Lec.2, n. 1278; IX, Lec.7, n. 1847-1848; IX, Lec.8, n. 1856; In XII, Lec.4, n. 2480-2481; In XII Lec.6, n. 2506.

⁴⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *In IX Met.* Lec. 10, n. 1883-1885.

⁴⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* I-II, q55, a2, c.

⁴⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* I, q25, a1, c.

⁴⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* I, q9, a2, c.

⁴⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *In IV Met.* Lec.2, n.556-558.

⁴⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *In IX Met.* Lec.3, n.1805.

⁵⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *CG.* I,c. 28, n.260; *In I Sent.* d17, q1, a2, ad3.

⁵¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *De anima.* A 9; *De nat. accid.* c.1, n.468.

⁵² TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Sent.*d33, q1, a1, ad1.

⁵³ TOMÁS DE AQUINO, S. *CG.* III, c3; *CTb.* I,c.11,n.21.

⁵⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *Quodl.* XII, q5, a1; *STb.*I, q4, a1, ad3.

⁵⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* I, q29, a2, ad3.

mesma natureza, ainda assim, tais substâncias se distinguem individualmente, umas das outras, não em razão do ato de ser, mas da essência individual que constituem, em razão do modo como recebem o ato de ser em suas respectivas essências, que se compõem de forma e matéria. Isto faz com que o ser seja distinto da essência na substância de cada coisa de que é ser.

Em outras palavras, embora o ato de ser seja comum especificamente para as substâncias de mesma natureza, ele se realiza numa essência individual, na medida em que se individua na essência que compõe a substância, mediante a união da forma com a matéria individual, ou seja, com a matéria assinalada pela quantidade. Esta última doutrina é o que define o ‘princípio de individuação’ das substâncias materiais em Tomás, mais conhecida como *materia signata quantitate*. Pautado nisso, afirma-se que ser (ato de ser) e essência distinguem-se nas criaturas. Só em Deus ser e essência se identificam⁵⁶.

No entanto, não cabe confundir o ‘ser’ ou o ‘ato de ser’ com a atual concepção de ‘existência’. Na perspectiva metafísica Tomasiânica a *existência* é a realização da última perfeição do ‘ato de ser’ na essência, pois vimos que o ‘ato de ser’ é aquilo pelo qual uma essência existe⁵⁷. Neste sentido, sem ‘ato de ser’, não há ‘existência’. Podemos, então, dizer que a ‘existência’ é a manifestação aqui e agora do ‘ato de ser’ realizado na essência da substância. Assim, a ‘existência’ torna factual a presença da substância. Não cabe à doutrina do ‘ser’ de Tomás a crítica de que houve um ‘esquecimento do ser’, pois com Tomás, para além de Aristóteles, enfatiza-se o ‘ato de ser’ como efetiva presença na existência. De fato, este aspecto presencial do ‘ato de ser’ é o mais importante, mas não é o primeiro pela via de análise metafísica, senão o último. Sendo assim, a distinção metafísica que há é a de *ser* e *essência* e não a de *essência* e *existência*, posto que segundo a consideração metafísica Tomasiânica, não há essência que não exista e existência que não tenha uma essência e nem uma coisa e outra sem o ‘ato de ser’.

A doutrina da *participação* tem importância capital na metafísica tomista. *Participação* é o nome que se dá à causalidade em que o efeito de uma causa recebe parcialmente o que existe de um modo total na causa como, por exemplo, quando se diz que ‘homem’ participa de ‘animalidade’, porque não exaure tudo o que é a animalidade em sua substância. Da mesma maneira, Sócrates participa da humanidade, pois sendo o que é, Sócrates não esgota tudo o que é a humanidade em sua substância⁵⁸.

Baseada na doutrina do ‘ato de ser’ Tomás justifica e explica a substância e aquilo cuja perfeição recaia sobre a substância, como o acidente. Aqui vale recordar para tornar mais claro o que já foi dito acima, onde se disse que o mais fundamental é a concepção da ‘potência’ como a capacidade que conduz a intensidade do ato de um estado a outro. Em outras palavras, pode-se dizer

⁵⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *CTh.* I, XI.

⁵⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *In IX Met.* Lec.3, n.1805.

⁵⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *De ebdom.* Lec. 2, n.24.

que o ‘ente’ que já é o que é, é dito *ente em ato*, como o abacateiro é abacateiro em ato. Mas, o ente que vem a ser o que ainda não é, denomina-se *ente em potência*, como a semente de abacateiro que ainda não é abacateiro em ato, senão só em potência, mas sem deixar de ter a perfeição do ‘ato de ser’, mas perfeição ainda dita ‘perfectível’, ou seja, em vias de ser realizada. Neste sentido, a partir da doutrina do ‘ato de ser’, Tomás consegue entrelaçar a essência, o acidente e a potência em sua relação com o ato⁵⁹, embora o acidente não seja propriamente ser⁶⁰ e, por esta razão, não há ciência acerca do *ente por acidente*⁶¹.

Retomando o raciocínio, segundo o Aquinate o conhecimento e a demonstração daqueles conceitos anteriores dependem da aplicação dos primeiros princípios do conhecimento. Tais princípios estão inscritos na natureza intelectual do homem e, por isso, são denominados primeiros princípios teóricos do conhecimento, que contribuem para a demonstração de qualquer coisa⁶².

O hábito destes princípios possibilita a demonstração do conhecimento. Seu uso constante aperfeiçoa a inteligência e a inclina para o conhecimento da verdade universal. Tal exercício dispõe a virtude intelectual especulativa dos hábitos dos primeiros princípios⁶³. Por isso, para o Aquinate a concepção de ‘ente’ se segue da aplicação do princípio que afirma o ‘ente’ ser aquilo que é, e o ‘não-ente’, aquilo que não é.

Esta evidência conclama a existência em nosso intelecto de um princípio do conhecimento que sempre evita a contradição, daí ser denominado ‘princípio da não-contradição’. Por sua condição de inato, o princípio não precisa ser demonstrado, porque é antes o que demonstra tudo mais que o intelecto concebe e que marca a oposição por contradição entre as coisas que são e as que não são⁶⁴, entre o universal e o particular⁶⁵ e entre a afirmação e a negação⁶⁶, de cuja oposição se segue o corolário de que é impossível afirmar e negar ao mesmo tempo⁶⁷ que ‘o ente é’ e ‘não é’ uma mesma realidade⁶⁸.

Do primeiro princípio, o da não-contradição, emanam outros que nele se fundamentam⁶⁹, como o ‘princípio de identidade’, que afirma que o ente é o que é⁷⁰, o ‘princípio do terceiro excluído’, que sustenta não haver um meio

⁵⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *In V Met.* Lec.9, n.885.

⁶⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *In XI Met.* Lec.8, n.2272.

⁶¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *In VI Met.* Lec.2, n.1172-1176.

⁶² TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q33, a1, c.

⁶³ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q57, a1.

⁶⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q35, a4, c.

⁶⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q.77, a2, ob3.

⁶⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Perih.* c.16.

⁶⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q94, a2.

⁶⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *In IV Met.* Lec.6.

⁶⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q94, a2; *De veritate.* q5, a2, ad7.

⁷⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q13, a7.

termo entre ‘ente’ e ‘não-ente’⁷¹, o ‘princípio de causalidade’, que afirma toda causa produzir um efeito proporcional⁷² e o ‘princípio de finalidade’, que sustenta que todo agente opera por causa de um fim⁷³.

Pela aplicação do ‘princípio da não-contradição’ o Aquinate estabelece uma bem clara distinção entre ‘ser’ e ‘não-ser’ e o que permanece como ser no ente que muda. Desta aplicação, fica mais evidente o conceito de ‘ente’. A aplicação do ‘princípio da não-contradição’ não permitiu ao Aquinate apenas visualizar a distinção de ‘ente’ e ‘não-ente’, mas, também, marcar a diferença que há entre os diversos entes, visualizada numa perspectiva original, a partir da intensidade do ‘ato de ser’ que se realiza individualmente em cada ente. Uma vez chegado à noção de ‘ente’, como o que tem ‘ato de ser’ ou, o que tem ‘ser’, o Aquinate procura comparar as criaturas entre si, segundo esta intensidade com que o ato de ser se realiza em cada ente.

Deste modo, Tomás identifica o *ato de ser* como aquilo que possibilita comparar, segundo uma maior ou menor intensidade, as criaturas entre si. As coisas se distinguem entre si, porque possuem naturezas diversas e as possuem diversas porque as recebem diversamente⁷⁴. Cada uma delas *participa*, a seu modo, segundo o que constitui a sua substância e o que recebem de perfeição da causa da qual participam e são efeitos⁷⁵. Por meio da *analogia*⁷⁶, Tomás entende que o ser é ato e que há diversidade de realização da intensidade de ato de ser em cada ente, cuja diversidade de intensidade causaria a diversidade de seres. Mapeado o ente por sua intensidade de ato de ser, Tomás agora ao ‘desvelar o segredo do ser’ aplica esta doutrina metafísica na consideração de Deus pelos mesmos princípios da razão.

⁷¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q94, a2; *De veritate.* q5, a2, ad7.

⁷² TOMÁS DE AQUINO, S. *In IV Sent.* d.1, q1, a4; *STh.* I, q79, a13.

⁷³ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Sent.* d.35, q1, a1.

⁷⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *CG.* I, c.26.

⁷⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *De causis*, pro. 25; *De potentia*, q3, a5.

⁷⁶ A analogia é uma comparação que pode ser por *proporcionalidade* [*STh.* I, q.13, a5, c.], quando os sujeitos possuem semelhante perfeição, mas significada de modos diversos [*STh.* I, q.13, a.10. c.] como, por exemplo, *ser* dito do homem, do anjo e de Deus. A analogia é uma comparação por *atribuição*, quando um dos sujeitos possui a perfeição em sua plenitude e os demais por participação ou de modo derivado como, por exemplo, *intelecto* dito de Deus e por atribuição do homem e do anjo. O nome é análogo porque se aplica comumente a muitos indivíduos [*In I Sent.* d.22, q1, a3, ad2.]. O Aquinate concebe o ente *analogamente*, porque ente não é um nome genérico, uma vez que enquanto tal não inclui todas as diferenças [*In I Met.* lec.9, n.139.] predicáveis do ente que fazem parte da definição do gênero como, por exemplo, o conceito de animal que inclui as diferenças racional e irracional [*STh.* I, q.3, a5, c.]⁷⁶. Portanto, no conceito de ente não entra alto, magro, baixo, gordo etc. Do que se segue que o conceito de ente é análogo.

3.2. TEOLOGIA NATURAL: O ACESSO A DEUS PELA RAZÃO.

A *Teologia Natural* é a parte da *Metafísica* que estuda a possibilidade de aceder-se à existência de Deus, mediante provas estabelecidas pela razão, com base em seus princípios invioláveis. *Deus* é, assim, o fim último a ser buscado pela razão. Por esse motivo, a bem-aventurança e a felicidade última de qualquer substância intelectual consiste, segundo Tomás, em conhecer a Deus⁷⁷. São diversos os modos de conhecer Deus. E Tomás destaca que o conhecimento sensível não torna impossível o conhecimento de Deus, pois o nosso intelecto, a partir do sensível, pode ser conduzido ao conhecimento do que Deus é e de outras verdades semelhantes, próprias do primeiro princípio⁷⁸. Dois são os caminhos para o conhecimento de Deus, um pela luz natural da razão, insuficiente em si mesmo, outro sobrenatural à razão, mas não estranho a ela⁷⁹. A teologia sobrenatural é ciência teórica e contemplativa⁸⁰. É a mais digna de ser aprendida e ser ensinada, pois cabe o homem que a aprende e contempla oferecer aos outros as coisas por ela contempladas⁸¹.

Conforme dissemos antes, pela metafísica a razão natural consegue traçar, a partir da retidão e ordem dos seus princípios, uma profunda relação entre Deus, *Ser subsistente*, e as criaturas, *seres contingentes*. A diversidade de intensidade da realização do ato de ser nas criaturas exige a existência de um *ato de ser puro*. De fato, resulta impossível de que numa única criatura ou mesmo na soma de todas as perfeições delas fossem encontradas todas as perfeições que lhe justificassem a máxima intensidade de ato de ser. O Aquinate concebe necessariamente um Ser que fosse ‘ato puro’, ‘subsistente’, que fosse fonte de toda perfeição de todos os entes, os quais a possuiriam por participação ao Ser de Deus, Ato Puro. Obviamente, teria mais ato de ser aquele ente que se Lhe fosse mais semelhante por natureza. Desta comparação emerge o estabelecimento de uma ordem, *hierarquia* entre as criaturas, verificável segundo o grau de intensidade do ato de ser realizado em cada uma. Tomás entende a realidade a partir desta construção metafísica e entrelaça toda esta construção mediante esta original doutrina do ‘ato de ser’, por cuja análise e comparação ele efetua uma resolução global de tudo o que existe, segundo uma mais ou menos intensa participação de tudo o que é devir no ser, com aquilo que existe por essência⁸².

Desse modo então, o último pavimento desta edificação a ser alcançado por esta doutrina do ato de ser é o conhecimento de Deus. A partir da

⁷⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *CG.* III, c. 25.

⁷⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *CG.* I, c.3.

⁷⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Trinitate*, Lec.2, q.1, a.4, c.

⁸⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* I, q.1, a.4, c.

⁸¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* II-II, q.188, a.6, c.

⁸² TOMÁS DE AQUINO, S. *De sub. sep.* c9, n.94.

doutrina do ato de ser, da analogia, da participação e da aplicação dos primeiros princípios de demonstração, Tomás pôde elaborar algumas provas racionais da existência de Deus, estabelecer a causalidade entre as criaturas, a dependência e necessidade de uma causa em si mesma incausada e mesmo falar de alguns atributos de Deus, em analogia às operações humanas. Neste aspecto, *Deus* resulta como algo absoluto, mas naturalmente inevitável à razão humana, pois embora Ele seja evidente em si e para si mesmo, não o é a sua existência para nós, já que não a alcançamos conhecer nele mesmo, sendo, pois, necessário que nós a demonstremos, mediante aquelas coisas que nos são mais conhecidas, os seus efeitos, e, assim, conseguiremos penetrar algo do conhecimento de sua essência⁸³.

A não evidência da existência de Deus para os nossos sentidos, não nega que exista em nós ou que esteja impresso naturalmente em nós algum conhecimento geral e confuso da existência de Deus, isto é, Deus como a felicidade do homem⁸⁴. Por isso, embora não o conheçamos como Ele é em si mesmo, os sentidos são como uma primeira porta de acesso à realidade e a partir desta, a razão, por meio dos seus princípios, adentrada para o conhecimento de Deus, naquilo que lhe é possível conhecer. E isto a que se pode aceder é a Sua existência, acessada mediante os efeitos de alguns dos atributos divinos operados na natureza, como a criação do universo e a atestada contingência do mesmo.

Ora, porque a Sua existência não é evidente para nós como o é para Deus mesmo, nossa razão deve procurar demonstrá-la pelos efeitos das obras de Deus. É possível demonstrar a existência de Deus pelos efeitos de suas obras, enquanto se revestem da materialidade do mundo criado. Desta forma, contemplando as coisas que se movem, enquanto isso significa certa imperfeição, segundo a aplicação dos princípios da razão, podemos exigir a existência de uma causa para o movimento que não esteja em movimento, chegando à demonstração de uma causa primeira do movimento (*motor imóvel*).

Igualmente, averiguando a causalidade das coisas naturais pode-se chegar à exigência racional da existência de uma causa primeira eficiente que a tudo cause (*causa primeira*), mas não seja causada, que seja necessária (*ser necessário*) e suprema do ser (*ser supremo*) e causa primeira da inteligência (*primeira inteligência*)⁸⁵. Foram estas as cinco vias de demonstração da existência de Deus. Note-se que na base para a demonstração se encontra a aplicação analógica da doutrina do ato de ser, por cujo grau e diversidade de intensidade existentes nas criaturas, assinala a contingência dos entes e a necessidade da existência de um ser Supremo.

⁸³ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q.2, a.1, c.

⁸⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q.2, a.1, ad1.

⁸⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q.2, a3, c.

4. CONCLUSÃO.

O esplendor do universo manifesta-se pela beleza da ordem que há entre as suas partes, cuja contemplação mais intensa e profunda exige pensar haver uma relação da unicidade do todo com a diversidade das partes. Cada parte se relaciona com outra e em ambas as partes encontramos uma relação de *participação*, ou seja, elas, de um modo ou de outro, possuem alguma perfeição comum, que as permitem ser identificadas com a perfeição do todo do qual são partes, enquanto apenas participam do ser do qual são parte⁸⁶. Assim, pois, segundo isso, há uma profunda relação entre o ser de uma rosa, de uma nuvem do céu e de uma criança. E porque todas as partes do universo, a rosa, o céu, a criança, que são entes concretos, participam de uma mesma perfeição, cada qual a manifesta a seu modo, porque não deixam de ser diversas entre si, pelo simples fato de possuírem alguma perfeição em comum.

Tal perfeição encontrada no ente, na rosa, na nuvem ou na criança, é o ‘ato de ser’, que na rosa e na nuvem se realizam diferentemente, em função da porção de quantidade de matéria em que cada ato se realiza, mas na criança se realiza em função da natureza mesma da sua forma imaterial, cujo nome ‘alma racional’ identifica tal perfeição. Por isso, no horizonte da multiplicidade do universo material, soergue na verticalidade uma hierarquia que vai do inferior ao mais sublime, em que cada um recebe a beleza proporcional ao ‘ato de ser’ que possui⁸⁷.

Em síntese, a partir dos seus comentários da *Metafísica*, Tomás estuda as realidades sensíveis, os conceitos que são abstraídos desta realidade material, as substâncias imateriais e Deus. Por isso, para ele a *Metafísica*, por fazer referências a estas três realidades de naturezas distintas, possui três significados dos quais se tiram três nomes para esta ciência: “ciência divina ou *Teologia*, enquanto considera as substâncias que nunca podem existir na matéria. *Metafísica*, enquanto considera o ente e as coisas que são conseguintes ao ente (...) *Filosofia Primeira*, enquanto considera as primeiras causas das coisas”.

⁸⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. CG. III, c. 112, n. 5.

⁸⁷ Sobre isso vejam: *De Div. nom.* IV, *lec.* 5, n. 340.